



ENTREVISTA

Vasco Mariz em seus 90 anos: um pesquisador dedicado à música brasileira*

Ricardo Tacuchian**

Nenhum autor brasileiro publicou mais livros sobre música brasileira que o embaixador e musicólogo Vasco Mariz, membro da Academia Brasileira de Música (cadeira 40, patrono Mário de Andrade), que acaba de comemorar seus 90 anos de idade, preservando uma incrível capacidade de produção e administração cultural. De seus 56 livros publicados (entre títulos novos e reedições), destacam-se: a primeira biografia escrita sobre Villa-Lobos, atualmente na 12ª edição, incluindo as edições estrangeiras lançadas nos Estados Unidos, França, Rússia, México, Colômbia e Itália (a 1ª edição é de 1949); as seis edições de *A Canção Brasileira* (a 6ª edição se dividiu em dois livros separados: *A Canção Popular Brasileira* e *A Canção Brasileira de Câmara*); e a *História da Música no Brasil*, já na 7ª edição (a 1ª edição é de 1982). Vasco Mariz é, portanto, um campeão editorial sobre o tema de música brasileira. Além desses livros até aqui referidos, ele ainda publicou *Três Musicólogos Brasileiros* (1985), *Claudio Santoro* (1994), *Francisco Mignone, o Homem e a Obra* (organizador, 1997) e *A Música no Rio de Janeiro no tempo de D. João VI* (2008), entre outros livros tratando de temas sobre música. Completando esta bibliografia extensa, Mariz publicou dezenas de artigos em revistas e jornais, além de livros sobre temas da história e da diplomacia brasileira.

Uma síntese sobre a vida e a obra deste grande promotor da cultura brasileira, tanto em nosso país como no exterior, foi publicada pela Academia Brasileira de Música, em 2009, sob o título *Catálogo de Obras*. Neste livro, o próprio Vasco Mariz faz um depoimento sobre suas principais atividades e realizações no campo da música, paralelas à sua carreira diplomática.

Propusemos ao ilustre estudioso e pesquisador algumas questões que juntas criariam uma entrevista capaz de dar uma ideia de sua participação na promoção de nossa música nestes últimos 60 anos; e que certamente complementarão os dados publicados no referido *Catálogo de Obras*.

* Entrevista de Vasco Mariz a Ricardo Tacuchian, compositor e pesquisador, membro da Academia Brasileira de Música, concedida em fevereiro de 2011 especialmente para a *Revista Brasileira de Música*.

** Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (Unirio), Rio de Janeiro, RJ, Brasil. Endereço eletrônico: rtacuchian@terra.com.br.



Ricardo Tacuchian: Sua opção pela atividade diplomática, abandonando uma carreira profissional de cantor foi tomada com tranquilidade ou foi uma opção difícil?

Vasco Mariz: Procurei conciliar as duas carreiras; dei muitos recitais aqui e no exterior e só desisti depois de uma turnê de 8 concertos em 20 dias nos Estados Unidos, em 1952. Foi horrível repetir o mesmo recital, fazer os mesmos gestos, pegar o trem e correr para outra cidade, lutar com o acompanhador, com medo de resfriar-me etc. Saí-me bem e o empresário quis me contratar, mas disse-lhe que não: tinha uma boa carreira, família, duas filhas pequenas e não queria essa vida de andorlho musical. Não me arrependi. Cantei em público ainda uma vez em 1957, em Nápoles, no Teatro di San Carlo, o papel de Alvisé Badoero na *Gioconda*. Fui aplaudido, mas a notícia chegou aos ouvidos do embaixador em Roma que me repreendeu: se fosse vaiado, era o Brasil vaiado, porque eu era o cônsul do Brasil em Nápoles. Nunca mais.

RT: A sua pioneira biografia de Villa-Lobos teve um notável sucesso editorial. Como você realizou este projeto junto a Villa-Lobos, quais foram as fontes de pesquisa utilizadas e qual foi a fortuna crítica deste livro?

VM: A fonte da pesquisa era o próprio Villa Lobos, a quem entrevistei mais de vinte vezes para escrever a biografia, que hoje está na 12ª edição e foi publicada em seis línguas no exterior, até na Rússia (1987). Minhas dúvidas foram esclarecidas por dois bons musicólogos: Renato Almeida e Luiz Heitor Correia de Azevedo, que acabou prefaciando o livro.

RT: Além de Villa-Lobos, você teve oportunidade de conhecer ou conviver com muitos outros compositores brasileiros ilustres, hoje falecidos. Por favor, cite os principais nomes, mostrando em que situação você teve contato com cada um deles.

VM: Foram muitos, sendo os amigos mais próximos: Francisco Mignone, Camargo Guarnieri, Claudio Santoro, Guerra Peixe, Radamés Gnattali, José Siqueira e, mais recentemente, Almeida Prado. Todos tiveram até a gentileza de escrever e dedicar obras para a minha voz.

RT: Com que intérpretes brasileiros de música clássica você teve um contato mais próximo e em que circunstâncias?

VM: Conheci de perto vários intérpretes brasileiros importantes, a saber: meus vizinhos Arnaldo Estrela e Mariuccia Iacovino, as cantoras Vera Janacopulos, Lia Salgado, Cristina Maristany, Maura Moreira (que levei para cantar em Washington) e Olga Prager Coelho; os pianistas Magdalena Tagliaferro, Jacques Klein, Ivy Improta, Anna Stella Schic, e mais Iberê Gomes Grosso, violoncelista, Oscar Borgerth, violinista, os maestros Eleazar de Carvalho (com quem briguei duas vezes e me re-



conciliei) e Isaac Karabtchevsky, a quem dei bom impulso a sua carreira pelo Itamaraty.

RT: Quais foram os musicólogos com quem você teve contato e que influências mútuas existiram entre vocês?

VM: Devo muito a Renato Almeida e a Luiz Heitor pelo estímulo que me deram, Eurico Nogueira França (meu compadre, com quem briguei na época em que fui eleito para presidir a ABM, em 1992), Andrade Muricy, que me convidou várias vezes a escrever em sua coluna do *Jornal do Commercio*, Cleofe Person de Matos e Mercedes Reis Pequeno, que também acaba de fazer 90 anos.

RT: Qual foi o alcance de sua gestão como presidente do Conselho Interamericano de Música – Cidem da OEA?

VM: Fui eleito presidente do Cidem, em 1967, por iniciativa de Guillermo Espinosa, chefe da divisão de música da OEA; porque lá cheguei como representante do Brasil no Conselho da OEA e poderia conseguir verbas para o Cidem. Comecei desconfiado, mas organizamos um belo Festival de Musica Interamericana em Washington em 1968 e depois presidi uma conferência interamericana de Educação Musical em Medellin, Colômbia.

RT: Em sua carreira diplomática, em diferentes cidades do mundo, quais foram suas principais iniciativas em prol da música e do músico brasileiro?

VM: Na Argentina, no início dos anos 50, promovi vários concertos de música brasileira e lá publiquei um livro em espanhol, um de autoria coletiva sobre a música clássica brasileira. Fiquei amigo de Alberto Ginastera, o grande rival de Villa-Lobos, sobre quem depois escrevi um opúsculo. Na Itália, graças a minha amizade com o diretor do Teatro di San Carlo, de Nápoles, consegui que vários cantores brasileiros de passagem cantassem papeis em algumas óperas de diferentes temporadas. Nos Estados Unidos da América, organizei o já referido Festival de Música Interamericana e ajudei a muitos intérpretes brasileiros a dar recitais em várias cidades. No Peru, consegui, na rádio principal de Lima, um programa semanal de música brasileira que existe ainda. Obtive do Itamaraty que o saudoso Mário Tavares passasse três meses em Lima para reorganizar a orquestra sinfônica de lá, no que teve muito sucesso, e depois consegui do presidente Geisel uma condecoração para ele. Em Israel ajudei bastante as apresentações de Arthur Moreira Lima e os conjuntos de Gilberto Gil e Sérgio Mendes. Em Berlim, meu último posto diplomático como embaixador, consegui convencer o maestro Kurt Masur, então diretor do *Gewandthaus* de Leipzig, que a cidade de Bach fizesse uma homenagem a Villa-Lobos, autor das *Bachianas Brasileiras*, no ano do seu centenário, 1987. Foram



quatro concertos belíssimos: dois em Leipzig e dois em Berlim. De volta ao Rio de Janeiro, já aposentado, continuei a promover outras edições dos meus livros *A Canção Brasileira de Câmara*, *A Canção Popular Brasileira*, *História da Música no Brasil*, que me valeram o Grande Prêmio da Crítica de 2000 pela Associação de Críticos de Arte de São Paulo (APCA). Aqui, promovi pela Funarte a produção dos belos livros coletivos sobre Francisco Mignone e Camargo Guarnieri, esse terminado por Flávio Silva. Em 2004, a Academia Paulista de História concedeu o prêmio CLIO do ano à 12ª edição do meu *Villa Lobos, o homem e a obra* e, em 2007, outro prêmio CLIO ao livro de ensaios e artigos intitulado *Vida Musical* e, finalmente, a APCA me elegeu “Personalidade Musical do ano 2008”.

Parabéns Vasco Mariz, pelos seus 90 anos, e por sua brilhante trajetória. Conforme já havíamos afirmado antes, na apresentação a seu *Catálogo de Obras*, “se Vasco Mariz não se enquadra entre os modernos musicólogos brasileiros que labutam na universidade e que são possuidores de rigorosas ferramentas de pesquisa e dedicados a objetos de estudo bem mais delimitados, ele, por sua vez, vem dando uma contribuição incomparável à divulgação da música do Brasil, para um público mais abrangente. Mariz nos dá os argumentos para desmentir a equivocada afirmativa de que a música clássica não faz parte de nosso patrimônio espiritual ou de nosso cotidiano”. Ele tem provado justamente o contrário. “O cantor que perdemos para a diplomacia foi substituído pelo diplomata que ganhamos para divulgar o nosso canto.”

RICARDO TACUCHIAN é professor titular de Composição da Unirio, desde 1995; professor titular de História da Música da Escola de Música da UFRJ (1993–1995); professor visitante da State University of New York at Albany (1998). Compositor e regente, graduou-se em Piano (Universidade do Brasil, 1961), Composição e Regência (UFRJ, 1965); especializou-se em Regência e Composição e Orquestração (UFRJ, 1967 e 1968); e é doutor em Composição (University of Southern California, 1990). Foi bolsista de várias instituições de fomento à pesquisa. É consultor e membro do corpo editorial de várias revistas musicais no Brasil e no exterior. Proferiu mais de uma centena de conferências e palestras no Brasil e no exterior. É autor de cerca de 150 títulos apresentados em perto de mil concertos ao vivo, no Brasil, como na Europa, Canadá, Estados Unidos e América Latina com cerca de 25 itens discográficos e 20 obras musicais publicadas; inúmeras de encomendas oficiais. Regeu várias orquestras e conjuntos brasileiros e norte-americanos e é detentor de vários prêmios e homenagens dentre os quais o da *Tribune Internationale des Compositeurs du Conseil International de la Musique*, da Unesco, 1977. Em 1981 foi eleito para a Academia Brasileira de Música na cadeira nº 29, cujo patrono é Alexandre Levy. Foi diretor presidente da mesma Academia por diversos mandatos.